



3687 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT05 - Estado e Política Educacional

#### JUSTIÇA RESTAURATIVA NA ESCOLA COMO ESTRATÉGIA DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS E VIOLÊNCIAS

Gueroliny Ruany Uchôa Dias - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Alice Miriam Happ Botler - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: não financiado

##### Resumo

Este estudo analisa as possibilidades e limites da prática da justiça restaurativa na gestão escolar para resolução de conflitos e violências. Os conceitos centrais foram: conflito, violência e justiça restaurativa na escola. Desenvolveu-se pesquisa de campo, em que coletamos dados através de entrevistas aplicadas aos atores da escola aonde são inseridas as práticas. Como resultados encontramos situações de conflito e violências comuns a realidade escolar brasileira, bem como a justiça restaurativa como uma alternativa que lida de forma diferente com essas situações.

**Palavras-chave:** Justiça restaurativa, conflitos e violências.

#### GT05 – ESTADO E POLÍTICA EDUCACIONAL

#### JUSTIÇA RESTAURATIVA NA ESCOLA COMO ESTRATÉGIA DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS E VIOLÊNCIAS

##### Resumo

Este estudo analisa as possibilidades e limites da prática da justiça restaurativa na gestão escolar para resolução de conflitos e violências. Os conceitos centrais foram: conflito, violência e justiça restaurativa na escola. Desenvolveu-se pesquisa de campo, em que coletamos dados através de entrevistas aplicadas aos atores da escola aonde são inseridas as práticas. Como resultados encontramos situações de conflito e violências comuns a realidade escolar brasileira, bem como a justiça restaurativa como uma alternativa que lida de forma diferente com essas situações.

**Palavras-chave:** Justiça restaurativa, conflitos e violências.

##### Introdução

Este trabalho é um recorte de pesquisa que tem como **objetivo analisar as reverberações da justiça restaurativa na escola diante de conflitos e violências**. A justiça restaurativa não é algo novo, e refere-se a um **conjunto de práticas e programas, a uma filosofia, a um rol de princípios e valores e a uma forma alternativa de ver e tratar o conflito, a um paradigma** (Saliba, 2007). Varia conforme o objeto, as pessoas e as relações construídas. Interessa-nos analisar como está sendo desenvolvida na prática em escolas, num contexto social extremamente desigual e injusto.

A Justiça Restaurativa tem como fundamento um modo diferente de ver o conflito, o crime e a violência como fenômenos que envolvem não apenas a lei (formal e abstrata), mas principalmente ações que atingem relacionamentos. Para Zehr (2008), o dano é um fenômeno que causa nas pessoas afetadas a perda de pertencimento e significado, o que gera rotulações de si e do outro. Para que haja a quebra dessa visão, é necessário o encontro, o que promoverá o enfrentamento no sentido de estabelecer o reconhecimento, as necessidades e obrigações. Trata-se de uma perspectiva da relação indivíduo-sociedade de forma a propor uma horizontalidade e pluralidade na definição do que é justo pelos participantes do conflito.

Melo (2005, p.60) esclarece que a Justiça Restaurativa:

ao trazer à tona estas singularidades e suas condições de existência subjacentes à norma, este modelo aponta para o rompimento dos limites colocados pelo direito liberal, abrindo-nos, para além do interpessoal, a uma percepção social dos problemas colocados nas situações conflituosas

A justiça nesta perspectiva volta-se não apenas ao crime, mas especialmente aos envolvidos, **ampliando o conceito de vítima, ofensor e comunidade**. Nesse sentido, ao contrário da perspectiva retributiva em que o encontro é realizado apenas por ofensor e vítima, intermediado pelo Estado, que imputa punições ao ofensor de acordo com a infração cometida, na justiça restaurativa releva-se a vítima, ofensor e comunidade como participantes de forma engajada no processo, de forma que acrescenta autonomia aos envolvidos, bem como o restabelecimento das pessoas. Tem finalidade **ressocializadora e educativa/preventiva**, visando uma cultura de paz.

Para compreendê-la melhor, esclarecemos alguns conceitos inerentes. O conflito apresenta-se como toda opinião divergente ou maneira de ver ou interpretar algo, sendo parte integrante da vida social, ele tem origem nas diferenças de interesses, desejos e aspirações (CHRISPINO, 2007). É um processo que inicia quando um indivíduo ou um grupo sente que os atos ou as intenções do outro podem prejudicar seus próprios interesses, convicções, normas, valores (CECCON *et.al*, 2009) Dependendo da forma como é tratado, incorre ou não em violência.

A violência é a negação da "figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, [...] fazendo-lhe violência nos cinco sentidos em que

demos a esta palavra" (CHAUÍ, 2007, p.1) Já Schilling (2004) trata das diversas violências (violência física, psicológica, emocional, simbólica), havendo em todos os casos agressores específicos e vítimas, dimensões estas que atingem o cenário escolar. Charlot (2002), diferencia a violência à escola, da escola, e na escola.

Os autores são consonantes no que diz respeito à valorização do diálogo com vistas tratar os conflitos e evitar as violências. As práticas restaurativas nesse sentido apresentam-se como uma alternativa e estratégia de lidar com essas situações através do diálogo, corresponsabilização e restauração das relações afetadas, atuando de forma preventiva quando se lida com os conflitos e de forma paliativa quando as situações de violência já ocorrem.

## **Desenvolvimento**

A pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso teve como campo empírico uma escola pública em que vem sendo aplicado o programa de justiça restaurativa, que foi ali introduzido por meio do *Projeto Eu Vejo Flores em Você*, voltado para a maior incidência de conflitos e violências com as meninas. A gestora participou de curso de práticas restaurativas, realizou inicialmente círculos restaurativos com a equipe gestora e professores, o que foi ampliado com vistas ao empoderamento feminino. O roteiro semiestruturado de entrevistas nos auxiliou a analisar como a justiça restaurativa tem repercutido no cotidiano na escola e os dados foram tratados à luz da Análise de Conteúdo (Bardin, 1979).

Sobre os **tipos de conflito e violência ocorridos** na escola as alunas misturam episódios de violência e de conflitos, citando casos de homofobia, discriminação, brigas passionais, e outros que surgem de uma discussão e acabam agravando-se em violência física, simbólica e em discriminação. Há registros também referentes a maior incidência de violência no turno dos 6º aos 9º anos.

Interessa-nos destacar algumas posturas e práticas do corpo docente com relação as aulas e formas de lidar com as situações de violência e conflito:

[...] há violência voltada para questões de autoritarismo [...] em algumas situações que a gente não sabe como lidar ou não conseguiu lidar de forma não violenta, para que a gente não pare a aula e trate aquilo que está tirando a calma do momento, as vezes a gente toma atitudes mais autoritárias, e depois que a coisa volta, a gente tenta não agir mais de forma autoritária também. (P2M)

Um grupo de alunas aponta para a ação da gestora frente às formas de lidar, seja na conversa ou sanções:

**A1F3:** ela conversa. **A1F2:** ela reúne a sala todinha e fala. Pergunta quem começou a briga, aí cada uma fala o que foi, sua opinião/versão e aí ela pergunta à sala como resolver e fica lá até resolver a coisa. **A1F3:** os professores também tratam com muita conversa, passam o dia todinho falando. **A1F6:** eles tentam resolver e, quando não tem jeito, eles chamam a gestora. Eles conversam, reclamam mesmo, dão bronca.

Encontramos variadas formas de resolução que incluem a participação de algumas alunas envolvidas nos círculos, mas há quem saliente que alunas que participaram dos círculos não melhoraram. Em alguns casos, a escola agiu de forma punitiva para que se mostrassem os culpados, ou seja, a escola lida com a questão da violência, ora de forma punitiva, ora permissiva ou restaurativa.

**A justiça restaurativa influencia na forma como a professora lida com as situações de conflito e violência, onde ela realiza os círculos e destaca as mudanças em termos de comportamento:**

Eu tiro uma aula da semana. Isso eu faço obrigatoriamente, essa aula é em círculo para debate. [...] falamos sobre escola, o meu lugar na escola, para que eu estou aqui? Para que que servem as aulas? Por conta desses problemas que eles estavam tendo de não prestar atenção, nota baixa, etc. E no círculo surgiu o tema amizade [...] eu preciso fazer o curso de facilitador porque eu saio muito impactada com as histórias. Só de você mudar o formato da sala, eles mudam o comportamento na hora, eles querem falar, pessoas que nunca deram uma palavra na aula, falam. Então a gente vai tentando conversar com eles. Os que tem essa vivência da cultura de paz a gente faz um círculo, chama depois da aula. (P3F)

Os professores e a gestão também relatam como a escola lida com essas situações apontando um escalonamento que primeiramente parte do diálogo a condutas mais punitivas em situações extremas:

A forma como a escola lida com esses conflitos e violências em primeiro plano é o diálogo e dele vem os acordos e por último a punição. Só depois mesmo de muito diálogo e acordos, e se um acordo não funciona a gente pede para propor outro melhor, mas o aluno vai ter que fazer uma coisa melhor porque não vai poder ficar no erro. Porque a gente está explicando, conversando, acordando e vai ter que fazer, do meu ou do seu jeito, mas terá que ser feito. (P2M)

Quando os conflitos ou violência ocorrem em sala de aula a gente já tem alguns professores que estão fazendo os cursos e conseguem fazer as mediações, os círculos, eles resolvem, conversam e discutem. Outros professores menos preparados já chamam a gente na sala ou encaminham os meninos para nós, aí a gente traz as partes para conversar para dizer como está se sentindo, como foi a situação, o que o outro fez para agir com violência. (GVGF)

**Sobre ações para prevenção e redução das violências** as alunas citam o projeto "Eu vejo flores em você" e a disciplina de Cultura de Paz, onde mostram como foi feito e o que tem atingido:

Temos o Eu vejo flores, que é uma situação adorável, a gente está trabalhando com meninas por que o grau de violência aqui na escola é muito com meninas, onde elas se ofendem, se batem. Aí a gente trabalha muito com as meninas nesse projeto e eu acompanho várias reuniões, temos também a cultura de paz, que é uma matéria inclusa agora na nova base do ensino médio e está ajudando muito. (A1R1)

A disciplina de cultura de paz que fala de conflitos de uma forma geral e tem o projeto "eu vejo flores em você" que trabalha só com as mulheres. Ele foi criado para as meninas daqui da escola e esse círculo é muito bom porque a coisas dentro de nós, porque cada pessoa é diferente e carrega sua família com você, para aonde você vai sua família vai com você, com seus problemas e tudo mais. E a gente via que tinha pessoas com aquilo guardado que não se sentiam a vontade pra poder falar, expor e até chorar. Então é muito tocante, não só nessa parte de... há também um empoderamento que nos motiva no projeto que ele funciona. Para as meninas chegarem e dizer que querem participar toda vez que tiver, então tem o projeto das mulheres de não aceitação aos tipos de violência com as mulheres. (A1F1)

Há ainda os **círculos de cuidado como uma ferramenta de prevenção dessas situações**, em que se destaca a figura do **professor**

**conselheiro como o responsável por uma turma em** ações que vão desde o ensino-aprendizagem aos conflitos e violências existentes na turma, o que denota que as ações de prevenção/redução são feitas de forma compartilhada.

O Eu vejo flores em você tem a sua ocorrência periódica, independente da existência ou não de conflitos, então eu acho que isso é uma ferramenta que funciona para prevenção de violência e a gente tem em algumas datas específicas como o dia de combate as drogas, cada professor faz com a turma em que ele é conselheiro, tem as reuniões do conselheiro com sua turma sempre após as reuniões do conselho de classe, pois ele tem o dever de repassar aos alunos aquilo que foi discutido, dos pontos positivos e negativos e do que tem a melhor. (P2M)

Os dados permitem perceber que a escola busca agir de forma preventiva através dos círculos restaurativos e do diálogo com o intuito de evitar a violência e trabalhar o conflito, apesar de que isso nem sempre é possível, haja vista a existência de situações extremas que exigem medidas paliativas.

As alunas citam a falta de apoio da família, bem como a falta de interesse dos alunos e as relações entre aluno e professor como **dificuldades no enfrentamento das violências**. Já os professores destacam como dificuldade os alunos, por não haver uma conscientização do seu papel na escola, o que os leva a provocar situações de conflito e violência, além da falta de colaboração da família e falta de abertura para o diálogo. A gestora afirma que a dificuldade é a aprendizagem, pois quando um aluno comete ou sofre uma violência, há que parar a aula para resolver a situação com a direção.

## Conclusões

Os conflitos e violências presentes na realidade pesquisada refletem as situações das escolas brasileiras repletas de violência física, simbólica, discriminação/exclusão.

Focalizamos a forma como a escola vem lidando com as situações de conflito e violência de forma preventiva, através dos círculos restaurativos com o projeto "Eu vejo flores em você" e das práticas restaurativas realizadas, assim como de forma paliativa com punições como retirar o aluno de sala, transferir ou chamar os pais em situações que ultrapassam os limites da escola.

Concluímos que as práticas restaurativas vêm contribuindo para a melhoria do relacionamento interpessoal na escola, desde que há um envolvimento por parte da equipe, o que ainda está em construção e exige divulgação, sensibilização, formação e investimento por parte dos sujeitos escolares com vistas a qualificar o ambiente e o ensino aprendizagem.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1979.

CECCON, C. (et al.). **Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar**. São Paulo: CECIP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CHARLOT, B. Violência nas escolas: como os franceses abordam essa questão. **Sociologias**. Porto Alegre, Ano. 4, nº 08 julho/dezembro, 2002.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: aval. pol. públ. Edu.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

MELO, E. R. Justiça Restaurativa e seus desafios histórico-culturais. Um ensaio crítico sobre os fundamentos ético-filosóficos da justiça restaurativa em contraposição à justiça retributiva. In BASTOS, LOPES e RENAULT (Orgs.). **Justiça Restaurativa: Coletânea de Artigos** (pp. 53-78).

SALIBA, M. G. **Justiça Restaurativa como perspectiva para a superação do paradigma punitivo**. Dissertação de mestrado. FUNDINOPI, 2007.

SCHILLING, F. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: moderna, 2004.

ZEHR, H. **Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça**. São Paulo: Palas Athena, 2008.